



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

O MUNDO CONTEMPORÂNEO É UMA VERDADEIRA CHARADA. TEORIAS NÃO SUPORTAM AS CONTRADIÇÕES DESSA ERA QUE NASCEU SOB O SIGNO DA DESCONSTRUÇÃO E VEM-SE IMPLODINDO DIA A DIA NUMA VIAGEM MARCADA PELA DESILUSÃO.

O DESMONTE DOS MECANISMOS DE PROTEÇÃO AOS MENOS FAVORECIDOS, SOMADO AOS EFEITOS INCONTROLÁVEIS GERADOS PELA GLOBALIZAÇÃO, PROPORCIONOU UM AMBIENTE INSEGURO.

DEFRONTAMO-NOS COM A DISPERSÃO, A PLURALIDADE INCONTROLÁVEL DE "AGORAS" (...) DESCONSTRUÇÃO, SIMULAÇÃO, VAZIO, RUÍNAS, RESÍDUOS E RECUPERAÇÃO, ALÉM DE UM CONJUNTO CAÓTICO DE CLASSIFICAÇÕES - NEO, PRÉ, PÓS OU TRANS.

NESTE CAOS DE IDEIAS, A POPULARIZAÇÃO DA BANDA LARGA ACABOU DISSEMINANDO UMA INFINIDADE DE IMAGENS E SONS DO PASSADO AO MESMO EM QUE REGISTRA FRENETICAMENTE O PRESENTE ATRAVÉS DE CÂMERAS, CELULARES ETC.



DESCONSTRUÇÃO O mundo contemporâneo é uma verdadeira charada. Teorias não suportam as contradições dessa era que nasceu sob o signo da desconstrução e vem-se implodindo dia a dia numa viagem marcada pela desilusão. Sobre o tema o sociólogo Zygmunt Bauman escreveu uma obra vasta e minuciosa em busca da compreensão deste século que nasceu sob o signo das ameaças terroristas e seus desdobramentos em sequestros, violência urbana, desentendimento e incertezas.

SINAIS CONFUSOS Bauman entende que o desmonte dos mecanismos de proteção aos menos favorecidos, somado aos efeitos incontroláveis gerados pela globalização, proporcionou um ambiente inseguro. Para ele, as cidades se tornaram o local por excelência das ansiedades. Construídas para fornecer proteção a todos os seus habitantes, as urbis, hoje em dia, se associam mais ao perigo do que à segurança e geram um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível gerando, cada vez mais, níveis de perplexidade.

DISPERSÃO A era contemporânea não dispõe de um tempo de constituição, de uma formulação estabilizada e, portanto, de reconhecimento, é o que nos ensina a filósofa Anne Cauquelin, da Universidade de Picardie, na França. Cauquelin entende que a simultaneidade exige uma junção, uma elaboração que não pode ser captada. Ela diz que "(...) nos defrontamos com a dispersão, a pluralidade incontrolável de "agoras" (...) desconstrução, simulação, vazio, ruínas, resíduos e recuperação, além de um conjunto caótico de classificações - neo, pré, pós ou trans - que tentam construir uma lógica difícil de ser mantida".

CONTRADIÇÕES Neste caos de ideias, a popularização da banda larga acabou disseminando uma infinidade de imagens e sons do passado ao mesmo em que registra freneticamente o presente através de câmeras, celulares etc. Tudo junto, ao mesmo tempo, misturando o que é original e verdadeiro com o que é cópia ou falso. Na produção cultural, essa enxurrada de contradições e excessos tem gerado uma farta releitura do passado e estranhas criações originais. O jornalista Bruno Yutaka Saito, do jornal Valor Econômico, nos lembra que, de um lado, temos o fenômeno Adele, a cantora inglesa cujo sucesso vem de uma sonoridade que remete ao R&B, Ella Fitzgerald e Etta James, e que agrada a pais, filhos e avós. Do outro lado, temos o compositor inglês Mathew Herbert, que lançou o disco One Pig, com músicas criadas a partir de sons captados de um porco.

ORIGINAL E CÓPIA Para o pesquisador Simon Reynolds, autor do livro *Retromania - Pop Culture's Addiction to its Own Past*, "a originalidade está sendo repensada e o contexto é o novo conteúdo". Simon entende que originalidade não leva necessariamente a coisas boas "(...) mas ela pode, sim, surpreender e abrir novas possibilidades". O poeta Americano Kenneth Goldsmith, criador do site UbuWeb, que reúne material audiovisual de artistas de vanguarda, como Joseph Beuys e Jean-Luc-Godard, entende que não existe sentido em buscar o novo já que há tanto a ser redescoberto. Ele pergunta: "(...) para que criar textos se existe tanta coisa boa no mundo?"

EXCESSO É exatamente por conta desta realidade de referências inesgotáveis que o pesquisador Simon Reynolds acredita que a figura do curador ganhou mais espaço. Reynolds entende que "(...) há um elemento de curadoria por parte de alguns músicos que criam uma relação com o passado em seus discos e citam uma enorme quantidade de artistas que serviram de inspiração". O excesso de referência também está presente nas artes visuais, onde o ponto de partida dos artistas são imagens captadas por terceiros articuladas com documentos e imagens autorais.

ANESTESIA A MEMÓRIA Referência e derivação não são novidades no mundo da criação. Marcel Duchamp (1887 - 1968) e Andy Warhol (1928 - 1987) já haviam desenvolvido um novo pensamento ao incorporar elementos do cotidiano ao universo das artes. Referências também têm sido parte intrínseca das ciências, do direito e das leis sociais. Mas, hoje, o que mudou é a forma de apropriação dessas referências e sua relativização. O mundo contemporâneo, com sua tecnologia e sua economia financeirizada, dessacralizou o conhecimento. Banalizou instrumentos eficazes de compreensão da vida social e da natureza. Confundiu ideias e pensamentos e deu voz a uma verdadeira Babel de intenções contraditórias que, no final, promovem a incompreensão e geram incerteza. Tudo isso anestesia a memória e promove o consumo.